

**O VERBO ÁRABE:
UM MODELO DO TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO
A PARTIR DA LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA**

Elias Mendes Gomes (USP)
eligomes@usp.br

As evidências apontam que a ascensão da língua árabe ao plano de língua mundial está intrinsicamente ligada à elevação do Islamismo a uma das grandes religiões mundiais. Antes do advento do Islã, a língua árabe era falada por somente algumas tribos na Península Arábica. Essa situação foi alterada quando o governo islâmico, centrado nas mãos dos primeiros califas, conquistou e expandiu as fronteiras árabes em direção oeste (até a atual Tunísia), norte (até a atual Turquia) e leste (Pérsia).

A expansão territorial continuou com os califados Omíada (661-750) e Abássida (750-1258), corroborando a hegemonia árabe. Braswell (1996, p. 45) atesta esse fato ao relatar:

Quando os mongóis saquearam Bagdá em 1258 tendo em vista por um fim ao Califado Abássida lá, a civilização islâmica tinha sido estruturada em teologia, jurisprudência e ciência; e o árabe era falado da Espanha à Índia.

Esposito (1999) e Versteegh (1997) atestam que o papel preponderante que a língua árabe desempenhava na recém-criada liturgia islâmica, bem como o domínio político da nação árabe nos territórios conquistados, requeriam uma inadiável estruturação linguística. Respondendo à essa necessidade o filólogo Khalil Ibn-Ahmad (ca.718-791), procedente da província onde se encontra o moderno Sultanato de Oman, compilou o inteiro vocabulário árabe em uma única obra, o *Kitāb al-Ayn* (o livro [da letra] °ayn). Khalil Ibn-Ahmad também fundou a primeira escola de filologia do mundo árabe, onde seus discípulos analisaram a língua e fixaram a gramática árabe tendo por base o texto do Alcorão, as poesias da era pré-islâmica, e o falar beduíno (HOLES, 2004). Essa materialização da gramática árabe em um registro escrito forneceu um paradigma inalterável para os futuros, filólogos, gramáticos, e linguistas. Jacque-

mond (2006) assim resume o labor dos primeiros sistematizadores da língua árabe:

É a língua da poesia pré-islâmica e do Alcorão, que os gramáticos e os lexicógrafos árabes vão fixar, nos dois primeiros séculos do Islã, por meio de um trabalho de compilação, de padronização e de teorização linguística de uma amplitude até então sem precedente.

Ainda nos séculos VII e VIII AD, duas escolas filológicas, Basra e Kufa – ambas no atual Iraque – surgiram para explicar o funcionamento do árabe e preservar sua estrutura e coesão lexical, uma vez que o contato com as demais nações através da conquista islâmica tinha comprometido a pureza da língua do Alcorão.

A derrocada da Dinastia Abássida (1258) e o conseqüente período caótico que seguiu em seu encalço, incapacitou o funcionamento adequado da estrutura governamental e culminou na instauração do *Império Otomano*. Depois da queda de Constantinopla (1453), os turcos, que gradualmente haviam conquistado as províncias islâmicas da Ásia Central, Oriente Médio e Egito, fundaram esse império, e se tornaram o maior poder político na região. A língua árabe continuou como a língua litúrgica desses povos, e em vários lugares, a língua de comunicação diária, mas seu status como linguagem da política e administração foi transferida para o turco.

Essa situação predominou até a *Renascença Árabe*, quando os árabes ganharam sua independência política do domínio turco e restabeleceram o árabe como a língua nacional de seus novos países. De acordo com El-Khafaifi (1985) e Sawaie (2000) um dos fatores que instigou a Renascença Árabe, foi a expedição liderada por Napoleão em 1799 que, embora de curta duração, introduziu o mundo árabe à imprensa e assim, pela primeira vez, o conhecimento nos diversos domínios da ciência passou a estar disponível ao cidadão comum. Como resultado desse contato com o Ocidente, e o posterior contato com as potências européias através da colonização, o mundo árabe abriu-se para um “diálogo” com o Ocidente, particularmente durante o reinado de Muhammad ^calī (1805-1848), quando vários estudiosos e eruditos árabes foram enviados à Europa a fim de estudarem as novas idéias e pensamentos originados pelo Iluminismo.

Esse contato se intensificou e paulatinamente se tornou bilateral, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Os países árabes,

não mais colônias das potências européias, passaram a ser importantes parceiros nas políticas econômicas do mundo ocidental, tanto como compradores de bens e produtos quanto fornecedores de matéria prima, notavelmente o petróleo. Esse “acercamento” de relações despertou no Ocidente um interesse maior pela língua e cultura árabe.

Como no passado, a língua árabe continua a despertar o interesse do mundo ocidental. Outrora devido a conquista político-religiosa, atualmente em virtude de seu rico legado cultural e, mais recentemente, em consequência de sua associação com o terrorismo. Duian (2001) e Mahmoud (2004) asseguram que o interesse pela apreensão do árabe tem crescido paulatinamente desde o atentado ao *World Trade Center* em setembro/2001. Várias pessoas percebem a aprendizagem da língua e cultura árabe como um nicho do mercado de trabalho que tem sido pouco explorado. Essas pessoas, potencialmente, estarão trabalhando como tradutores e consultores culturais. O entendimento da língua e cultura provê as ferramentas que minimizarão o *ruído* na comunicação que limita a interação entre o ocidente e os possíveis parceiros das ricas nações árabes.

O fator “religião” continua mantendo um papel preponderante na aquisição linguística do árabe, já que o conhecimento da língua árabe é imprescindível para a boa apreensão do significado do Alcorão e para a *performance* dos rituais litúrgicos do islamismo. Entretanto, pouco foi feito para facilitar a sua aprendizagem, especialmente entre os lusófonos. Aqueles atributos que, *a priori*, atraem as pessoas para a sua aprendizagem, isto é, sua característica mística e ritualista, e a sua rica herança linguística, cultural e religiosa de muitos séculos, tendem a lhes repelirem com o passar do tempo. A grafia peculiar do idioma, sua natureza diglôssica, a riqueza vernacular e a falta de materiais paradidáticos inibem e desmotivam o aprendiz.

Das dificuldades acima apresentadas, esta pesquisa está particularmente preocupada com a falta de apoio didático para a aprendizagem e o aprofundamento no conhecimento linguístico que, via de regra, se adquire com a leitura no idioma almejado; por isso esta pesquisa propõe a elaboração de um dicionário bilingue de verbos árabe-português.

1. A língua árabe e a função do verbo

A língua árabe é um membro do subgrupo “semítico” do tronco afro-asiático de línguas, juntamente com o hebraico e o aramaico (dentre outras). As línguas semíticas se enraizaram e floresceram no Mediterrâneo, especialmente nas regiões que circundavam os rios Tigre e Eufrates e na área costeira do Levante. O ancestral comum de todo o desdobramento linguístico semítico é chamado pelos especialistas de “Protossemítico” e, embora não se saiba com exatidão a localização geográfica onde essa vertente floresceu, alguns estudiosos acreditem que esta foi originária da África Oriental, provavelmente na área que hoje corresponde à Somália e Etiópia (O’LEARY, [1923] 2000).

O protossemítico tem sido bastante pesquisado, e baseado em reconstruções, os linguístas recobram muitos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos dessa matriz linguística. De acordo com Cyril Aslanov (2010), *ad. tempora*, esses estudos mostraram que nem todas as variedades semíticas preservou, na mesma proporção, as características presentes no protossemítico. De fato, muitos linguístas consideram a língua árabe a mais atrelada à língua originadora do que qualquer outra variedade semítica moderna.

Jacquemond (2006) advoga que a vertente oral do árabe, como desdobramento do protossemítico, formou-se um século antes do advento do cristianismo; enquanto que como vertente escrita apareceu ainda nos primeiros séculos da era cristã, com um alfabeto derivado do nabateu, uma forma do aramaico.

A principal razão para se enfatizar o relacionamento entre a língua árabe e o aramaico se dá pelo fato de que a primeira evidência epigráfica do árabe foi uma lápide que marca a localização do mausoléu de Imru’u l-Qays b. ‘Amr no alfabeto aramaico. Essa lápide, conhecida como a *Inscrição de Namarah*, foi descoberta por René Dussaud e Frédéric Macler em 1901, em uma região localizada cerca de cem quilômetros de Damasco. A lápide é datada de 223 da era de Bostra, que segundo arqueólogos, é equivalente a 328 DC. Bellamy (1985) examinou o epitáfio e chegou a conclusão de que o vocabulário e a sintax do registro é virtualmente idêntica à forma clássica do árabe codificado no Alcorão, com poucas exceções, como “bar” em vez de “ibn”, um item lexical claramente aramaico. Um grande lega-

do dessa descoberta foi que o registro escrito mais antigo da língua árabe datava de 512 DC, o achado da *Inscrição de Namarah* retrocedeu para quase dois séculos o primeiro testemunho epigráfico árabe.

Como mencionado anteriormente, as escolas filológicas fundadas no período que inaugurou a hegemonia árabe, organizaram a gramática árabe. Seus filólogos e gramáticos dividiram a língua em três partes: substantivo, verbo e partículas (que incluem os advérbios, preposições, pronomes, etc.). A Escola de Kufa, tendo como fundamento o aspecto morfológico da língua, posicionou-se advogando que o verbo era a mola propulsora do léxico árabe (ELAMRANI-JAMAL, 1983). Esse parecer tem sido aceito por muitos arabistas no decorrer da história, tais como Wright ([1859] 1995), Haywood e Nahmad (1995), e Cowan (2006).

Quando as línguas semíticas (da qual o árabe faz parte) são estudadas, percebe-se que uma de suas marcas distintivas é a maneira pela qual os vocábulos são formados. Trata-se do sistema de derivação analógico. Embora, na língua árabe nem todas as palavras possam ser rastreadas a uma raiz verbal, a maioria de seus lexemas constitui-se de um verbo simples que designa uma expressão escrita constituída de três letras destinada a representar uma ideia (COWAN, 2006). Essa combinação de grafemas traz em seu bojo uma noção específica. Assim, a composição /k-s-r/ representa a ideia de “quebrar”, enquanto que /d-r-s/ exprime o conceito de “estudar”, e /q-w-l/ o de “falar”, e assim por diante.

Prefixos, sufixos e infixos inseridos à esse radical dão origem a novos termos (sejam eles verbos ou substantivos) frequentemente relacionados à ideia principal. A título de ilustração tome-se, por exemplo, o radical /k-t-b/ que denota a ideia de escrever. Em sua forma mais simples o trígama KaTaBa significa “ele escreveu”. Por convenção essa estrutura é usada como a forma canônica do verbo, que equivale ao infinitivo nas línguas do tronco indo-europeu.

Convencionou-se entre os arabistas listar as modificações ocorridas no radical do verbo com numerais romanos. Essa mudança acarreta novas nuances de sentido aos verbos. No árabe clássico são categorizadas quinze formas verbais (I-XV). Em árabe padrão moderno (APM) somente dez dessas formas são comuns. As XI-XV são de raríssimas ocorrências. Entretanto, nenhum verbo apresenta con-

jugação em todas as formas. Uma breve descrição dessas nuances pode ser vista no trabalho de Gaudefroy-Demombynes e Bachère (1952) que, baseados na morfologia e semântica geral dos verbos, classificaram as mencionadas gradações dessa maneira:

Radical Base: CvCvCv	Forma I
Radicais Factitivo ¹ -Causativos	Formas II, III, IV
Radicais Reflexivo-passivos	Formas V, VI, VII, VIII, X
Radicais para cores e defeitos	Forma IX

Como ilustração para essa classificação, observe o seguinte verbo /K-T-B/:

- I. /KaTaBa/ – “escrever”
- II. /KaTTaBa/ – “fazer alguém escrever”
- III. /KāTaBa/ – “corresponder com alguém”
- IV. /’aKTaBa/ – “ditar”
- V. Esta forma não ocorre com o radical /KTB/
- VI. /taKāTaBa/ – “corresponder um com outro”
- VII. /’inKaTaBa/ – “assinar” (jornal, revista etc.)
- VIII. /iKtaTaBa/ – “copiar”
- IX. Esta forma não ocorre com o radical /KTB/
- X. /’istaKTaB/ – “fazer uma cópia [para si]”

O verbo em árabe é complexo, mas é altamente regular e sí-métrico. Os antigos gramáticos árabes que formularam suas hipóteses baseados essencialmente em noções matemáticas e, firmados em observação, comparação e generalização dos paradigmas, eles desenvolveram o conceito de /qiyas/ (molde, paradigma) da derivação. Todo radical árabe tem em seu âmago o mesmo potencial para derivação e geração de novos vocábulos.

¹ Dubois et al. (1973, p. 260), explicam que o factitivo é uma forma do aspecto do verbo na qual está envolvido a idéia de fazer ou causar. “Assim, a frase *Pedro fez Paulo cair*, exprime o fato que Pedro agiu de certa maneira que teve por resultado a queda de Paulo.”

2. *Pressupostos teóricos*

A lexicografia, uma vertente aplicada da lexicologia, é uma ciência antiga que fornece técnicas para a compilação de dicionários. A maneira como os dicionários eram confeccionados na Antiguidade e na Idade Média era extremamente diferente da que prevaleceu na atualidade. Os antigos dicionários eram geralmente traduções de unidades lexicais de um código para outro, ou seja, bilíngues. Em nossos dias, a lexicografia bilíngue se dividiu em diferentes ramos e, o dicionário proposto aqui será compilado tendo por base princípios descritivos científicos da lexicografia moderna, não estando limitado a uma teoria particular, entretanto, privilegiar-se-á a abordagem de Haensch (1982), Borba (2003), e a *lexicografia pedagógica* de Welker (2004 e 2008).

Welker (2008) discute a lexicografia pedagógica (LP), apresentando técnicas que, se seguidas, auxiliarão os consulentes em sua tarefa de compreensão e decodificação de textos em língua estrangeira. Ela (LP) é definida como tendo “o genuíno objetivo de satisfazer as necessidades de informação lexicograficamente relevantes que têm os estudantes em uma série de situações extralxicográficas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira” (TARP 2006, p. 300 *Apud* WELKER, 2008, p. 39).

2.1. *Macroestrutura*

O conjunto das entradas, ou seja, a menor unidade autônoma de um dicionário, comumente denominado de nomenclatura e arrolado em forma vertical, recebe o nome de macroestrutura. A inserção de uma palavra à macroestrutura, como mencionado acima, seguirá critérios pré-estabelecidos, as entradas serão escolhidas com base na *linguística de corpus*, considerando sua frequência nos corpora jornalístico e literário.

Essas entradas serão apresentadas em ordem alfabética por raízes, seguindo a norma lexicográfica árabe contemporânea, onde os lexemas serão listados de acordo com seus radicais primários (trilíteres ou quadrilíteres), e não como em numerosos dicionários para estrangeiros onde os verbetes são listados de acordo com as declinações de suas formas verbais. É de opinião do pesquisador que as me-

todologias lineares latinas não são apropriadas para representar o sistema trilítere árabe, e que é melhor se ater a um sistema de organização lexicográfica onde os verbetes são organizados com base em seu radical.

2.2. Microestrutura

A microestrutura – o conjunto de informações que segue a entrada – contará com a transcrição fonológica, apontará se o verbo é transitivo ou intransitivo, decodificará o significado da entrada provendo equivalentes paralelos em português e, se o verbo muda de sentido se seguido por uma preposição, além dos equivalentes em português, contará também com abonações retiradas de corpora jornalístico e literário.

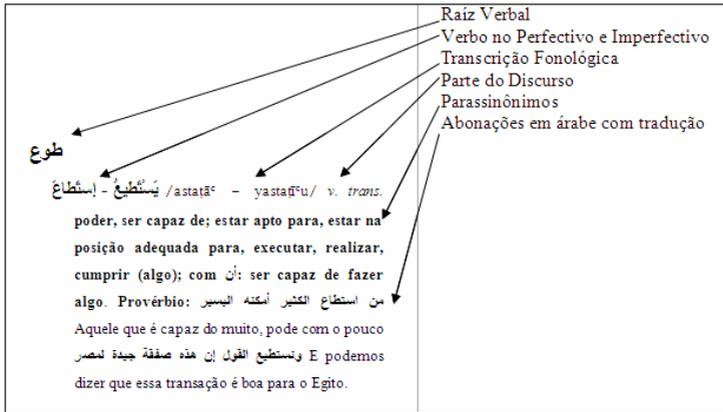
Levando em consideração o público alvo do dicionário, a micro-estrutura do verbete deverá facilitar a tarefa do estudante de árabe de perceber as nuances nos significados dos verbos árabes, especialmente quando estes são seguidos por preposição. Cada verbete terá um tratamento tentativamente exaustivo, fornecendo ao consulente diferentes equivalências em português à raiz em questão (parassinônimos). A fim de manter-se fiel ao propósito de registrar os verbetes que fazem parte da linguagem atual, procurar-se-á aboná-los com exemplos reais, retirados do banco de dados da Brigham Young University – “ArabiCorpus”. Esses corpora têm aproximadamente 90.000.000 palavras/ocorrências advindas de livros escolares, literatura moderna, romances e corpus jornalísticos, cobrindo uma vasta área no mundo árabe: Arabia Saudita, Argélia, Egito, Kwait, Líbano, Marrocos, Palestina, Síria e Sudão.

2.3. Amostra da microestrutura

Para este artigo, procurou-se apresentar como um modelo da microestrutura que será seguido por todos os verbetes, entretanto,

muitos problemas surgiram na utilização do programa MDF (*Multi-Dictionary Formatter*)².

Teoricamente, o uso de um programa próprio para a feitura de dicionários em vez de um processador de textos (como o *Microsoft Word*) tem muitas vantagens, principalmente para edição, checagem das informações e formatação. O paradigma providenciado pelo programa é especialmente interessante: todos os verbetes seguem o mesmo modelo, gerando homogeneidade.



Porém, o MDF não é altamente interativo e, mesmo depois de meses de prática, ainda se veem muitos problemas nas macro e microestruturas. Ainda não foi possível colocar os verbos em ordem alfabética. O programa foi idealizado para as línguas do tronco indo-europeu que usam a escrita *latinizada*. Embora seja possível usar o

². MDF (Multi-Dictionary Formatter) é um aplicativo desenvolvido pela SIL (Summer Institute of Linguistics – Instituto Linguístico de Verão), uma organização que se presta a analisar e preservar as línguas indígenas por meio de análises gramaticais, linguísticas, e da feitura de dicionários e gramáticas. Esse programa nasceu da necessidade que linguistas e antropólogos da organização tinham para converter as informações linguísticas que possuíam em um formato homogêneo. O programa ordena o banco de dados (fichas eletrônicas contendo a microestrutura de cada verbete: radical, transcrição fonética, parte do discurso, etimologia, definição, exemplos, etc) e as codifica de maneira coesa, transferindo as informações para um processador de texto (nesse caso o *rtf* – rich text format).

programa para as demais formas de escrita, algumas sequelas indesejadas sempre aparecem. Em nível de microestrutura, um dos problemas encontrados é que as abonações são colocadas, automaticamente, no final do verbete, quando deveriam acompanhar a tradução paralela nas diferentes acepções. No momento, está-se tentando customizar o programa, contudo esse verbete foi feito na versão original.

3. *Considerações finais*

O interesse que a língua árabe tem despertado no mundo em geral e no Brasil em particular, justifica a elaboração de materiais de apoio à sua aprendizagem. Esta pesquisa procurou apresentar aspectos considerados importantes para a produção de uma ferramenta importante para essa aquisição linguística, o dicionário monodirecional de verbos árabe-português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASLANOV, C. *Contato entre o hebraico e o árabe através dos séculos*. Anotações em sala de aula, 2010.
- BELLAMY, J. A new reading of the Namarah Inscription. *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 105, n. 01. 1985, p. 31-51.
- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: Uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Unesp, 2003.
- BRASWELL, G. *Islam: Its prophet, peoples, politics and power*. Nashville: Broadman & Holman, 1996.
- COWAN, D. *Gramática do árabe moderno*. São Paulo: Globo, 2006.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix. 1973.
- DUIAN, J. Sudden Surge in Interest in near East: Americans Are Enrolling in Courses on Islam, Arabic and International Relations. *Insight on the News*. Vol. 17, n. 46, p. 28. 10 dez. 2001.

ELAMRANI-JAMAL, A. *Logique aristotélicienne et grammaire arabe (études et documents)*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 1983.

EL-KHAFAlFI, H. M. *The role of the Cairo academy in coining arabic scientific terminology: an historical and linguistic evaluation*. 1985. 215 p. Tese de doutoramento (Middle East Studies) – University of Utah Graduate School. Utah, 1985

ESPOSITO, J. *The Oxford history of Islam*. New York: Oxford University Press. 1999.

GAUDEFROY-DEMOMBYNES M.; BACHÈRE R. *Grammaire de l'arabe classique*. Paris: Maisonneuve & Larose, 1952.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HAYWOOD, J; NAHMAD H. *A new Arabic grammar*. London: Lund Humphries. 1995.

HOLES, C. *Modern Arabic: Structures, functions, and varieties*. Washington: Georgetown University Press. 2004.

JACQUEMOND, RICHARD. A língua árabe hoje: Um olhar socio-linguístico e geopolítico. *Tiraz – Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*. Ano III, 2006, p. 08-31.

MAHMOOD, H. Breaking Barrier of Arabic Language after 9/11 and U.S. Involvement in Afghanistan and Iraq, Suburban Classes in Arabic Are Taking Off. *Daily Herald*. 05 ago. 2004.

O'LEARY, L. *Comparative grammar of the Semitic languages*. Abingdon, Oxon: Rutledge. [1923] 2000.

SAWAIE, M. Rifā'ah Rāfi' al-Tahtāwī and his contribution to the lexical development of modern literary Arabic. In *International Journal of Middle East Studies*, Vol. 32, N. 3 Aug., 2000, p. 395-410. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TARP, S. Lexicografia de aprendizagem. *Cadernos de Tradução*, Vol 2, n. 18, p. 295-317. Florianópolis: Publicação da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC), 2006.

WELKER, H. A. *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus. 2004.

_____. *Panorama geral da lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.

VERSTEEGH, K. *Landmarks in linguistic thought III: The arabic linguistic tradition*. London: Routledge, 1997.

WRIGHT, W. *A grammar of the Arabic language*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1859] 1995.